

# INDO ALÉM DO ESTÁGIO: RESIDÊNCIA EDUCACIONAL E A IMERSÃO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE

Gabrielle Nataly Leite da Silva  
Sandra Costa dos Santos

## ■ RESUMO

Este trabalho é fruto do processo de imersão para docência proporcionada pela residência educacional. Observação e vivência em sala de aula junto aos professores de referência e, orientações e discussões sobre a experiência docente nos encontros com os professores orientadores. Foi a partir destes lugares que os relatos se tornaram concretos no sentido de olhar atentamente para o diferencial que a Faculdade SESI de Educação traz ao processo de profissionalização da docência. Indo além do que a legislação nacional exige para a parte prática, o modelo de estágio curricular supervisionado da instituição oferece a prática pedagógica em sala de aula desde o

primeiro ano de formação e não apenas ao final do curso. Um conjunto de interações são propiciadas para contribuir com efetividade para a profissionalização docente: a vivência trazida pelo professor de referência, as imersões nas escolas, a orientações onde é debatida e analisada aquilo que foi vivido em sala de aula. Estes pontos, permitiram olhar o processo e para dentro de si e perceber os processos dialéticos que resultam na edificação de um professor conectado com os objetos de conhecimento e com as estratégias para chegar aos estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE** Prática Pedagógica; Residência Educacional; Formação Docente

## ■ INTRODUÇÃO

Tornar-se professor é um constructo complexo. Requer dedicação, leitura, atualização, persistência, resiliência. Ao mesmo tempo este caminho é composto por aspectos que formam não apenas um (a) profissional, mas também sujeitos históricos. Para que se chegasse a este desenho formativo, foram necessárias diversas políticas públicas para a licenciatura.

Como forma de demonstrar a organização diferencial que a Faculdade SESI de Educação possui, este relato de experiência dialoga primeiramente com a legislação nacional que orienta a organização da parte prática para licenciatura. A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN's, percebe-se que a discussão sobre a formação para a docência sempre exigiu muito mais do que apenas uma grade curricular com base teórica nas correntes pedagógicas, na história da educação, nas políticas públicas ou na produção de material didático. Estes documentos chamam a atenção para o papel dos estágios e os espaços da prática docente que são ofertados pelos territórios formativos.

Este relato de experiência se propõe a dialogar sobre como a formação docente proposta pela Faculdade SESI amplia os horizontes definidos pelas legislações e coloca a prática docente como centro de discussão. A construção do texto passa pelas

normativas sobre o estágio curricular supervisionado, pela apresentação do modelo *sui generis* elaborado pela instituição para a constituição de professores e professoras de forma integral, bem como, pelo relato de experiência de uma estudante/professora em formação apresentando as reflexões deste processo dialético.

Ao trazer para análise o fazer-se professor(a) propõe-se olhar para a subjetividade do sujeito em transformação. Nada mais relevante do que se aproximar do que Conceição Evaristo (2016) coloca em jogo: a escrita de si, a partir do termo *escrevivência*, dialoga direta e profundamente com o tornar-se professor a partir da imersão na escola e na sala de aula. É, portanto, antes de tudo, uma experiência social.

Um relato de experiência é um ato de escrever, refletir sobre si, sobre o seu espaço e as transformações dialéticas que ocorrem nos espaços formativos para este futuro docente. Conceição Evaristo (2016) revela que é necessário valorizar os saberes que surgem a partir das experiências dos sujeitos. Por tal forma, o viver experienciado na residência educacional da Faculdade SESI de Educação é uma potente ferramenta para produção de conhecimento por meio de palavras, da subjetividade e das revelações do eu professor em formação.

## ■ METODOLOGIA

Para este relato de experiência o escopo metodológico foi centrado na observação e na metodologia qualitativa. Conforme nos apresenta Lakatos, “a observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos (...) no contexto da descoberta e obriga o investigador a um contato direto com a realidade” (2003, p.191). Desta forma, há uma diversidade de possibilidades ao observado, pois ele fica diante de uma variedade ampla de fenômenos investigativos uma vez que os cinco sentidos ficam ainda mais aguçados.

Ademais, a própria experiência de imersão teórico-prática propiciada pela residência educacional, abre caminho para que a etnografia esteja alicerçada integralmente presente na constituição do professor-pesquisador da sua prática. No período delimitado os estudantes eram provocados a fazerem seus registros diários sobre o momento da observação em seus diários de bordo. De acordo com Batista “Escrever é um exercício de muita importância, pois nos estimula a pensar, envolve leitura, reflexão e permite a evolução” (2019, p. 288).

A experiência vivenciada e problematizada neste texto ocorreu a partir da residência educacional em escola SESI, com acompanhamento de

professor de História e alunos de 6.o e 7.o anos. Além de dez horas de imersão na escola há mais duas horas nas quais a orientação da residência, feita pelos docentes da instituição, permite a reflexão sobre a prática e o aprofundamento do que é ser professor em formação. Para o grupo de estudantes ao qual pertencia a professora em formação que aqui apresenta seu relato, as trocas formativas eram muito proveitosas, demonstrando a relevância que o estágio, enquanto experiência etnográfica acrescenta à constituição docente.

Portanto, o relato de experiência se ampara em uma metodologia dinâmica pois as situações cotidianas são renovadas constantemente. Soma-se a este escopo o levantamento bibliográfico que permite referenciar os achados a partir da observação e da análise da escrita a respeito da prática encontrada em sala de aula e sobre sua própria prática.

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

No Brasil, principalmente após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, o olhar mais próximo sobre a formação prática para docência passou por reformulações muito relevantes colocando em evidência o estágio curricular supervisionado e as práticas como componente curricular. Ficaram definidas 400 horas de práticas curriculares e outras 400 horas de estágio a partir da metade do curso.

A partir deste ponto outras reformulações foram sendo feitas. Em 2002 uma outra normativa, Resolução DCNFP 01/2002 trouxe novas perspectivas sobre este movimento de prática de elaborar um modelo inicial de formação docente. Outro passo foi dado com a resolução da DCN 02/2015 que ampliou e consolidou uma política mais abrangente de profissionalização docente. Neste período histórico, a esperava-se uma formação baseada no compromisso social, ético, social e democrático.

Os avanços alcançados pela mobilização de entidades de classe ligadas à educação se refletiram no modelo de formação docente elaborado pela DCN 02/2015.

Propunha-se uma formação docente teoricamente consistente, ligada à interdisciplinaridade e não apenas à disciplinaridade. Somam-se a estes pontos a gestão democrática da educação e, docência como compromisso social.

A legislação trouxe em 2024 mais uma contribuição. A Resolução CNE/CP nº 4/2024 redefine a organização curricular dos cursos de licenciatura e reafirma a centralidade da articulação entre teoria e prática no processo formativo. Entre os documentos estruturantes das diretrizes está a centralidade do estágio curricular como espaço privilegiado para o licenciando se aproximar da realidade escolar.

É neste contexto que nasce a Faculdade SESI de Educação. Inaugurada em 2015, seu projeto é constituído pela ideia de formar professores desde o primeiro dia de aula. Para isto, a concepção curricular abarca a relação teórico-prática com ineditismo no ensino superior ao apresentar a Residência Educacional como uma das principais contribuições para a formação docente.

À carga horária prevista obrigatoriamente a partir de 2015, 3200 horas, a Faculdade SESI acresceu 1232 horas ao Núcleo IV de sua estrutura curricular que corresponde ao estágio curricular supervisionado realizado a partir da Residência Educacional (Faculdade SESI de Educação, 2026, p. 87):

“Residência Educacional coloca o estudante em contato com a realidade escolar desde o início do curso, em escolas da rede SESI-SP e das redes públicas e privadas. Essa interação, realizada por meio da observação, análise, reflexão e proposições, permite que os licenciandos articulem conhecimentos adquiridos em sala de aula com a real necessidade da educação.” (Faculdade SESI de Educação, 2026, p. 350)

Ampliando o debate o Eixo Formador 1 – Educação e profissionalização docente que norteia os parâmetros curriculares dos licenciandos da faculdade afirma que pretende:

- Possibilitar uma leitura crítica sobre o cotidiano escolar, contextualizando-o nas perspectivas das políticas educacionais e dos movimentos históricos-sociais;
- Estudar contribuições das diferentes ciências para a reflexão do processo de ensino e aprendizagem;
- Estimular a elaboração de novos

desenhos para a escola do presente e do futuro, a partir de uma perspectiva emancipatória e multicultural considerando as relações entre a escola e os territórios onde se inserem;

- Superar a dicotomia entre teoria e prática em análise e implementação de projetos educacionais, escolares e não escolares. (Faculdade SESI de Educação, 2026, p. 64-65)

Vê-se, portanto, que desde o lançamento da LDB até os últimos apontamentos feitos pelo Conselho Nacional de Educação, houve uma reafirmação da prática como caminho para a profissionalização e qualidade docente. Entretanto, a concretização de uma política ampla e generalizante neste caminho não se materializou, com exceção, como visto, da Faculdade SESI de Educação.

Enquanto as resoluções repetidamente delimitavam as 400 horas de estágio supervisionado como caminho, a Faculdade SESI desde 2015 estava na vanguarda colocando seus estudantes na rede SESI, escolas públicas e particulares cumprindo mais de mil horas de observação, espaço para regência, planejamento de aula, análise de material didático e planejamento de aulas em sala de aula e, não somente enquanto debate teórico.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

No ano de 2024 mais uma turma de Licenciatura em Ciências Humanas teve início. Uma turma diversa, jovem cheia de expectativas e vontade de descobrir os caminhos para a docência. O início de uma jornada de formação é sempre marcado por expectativas e aquele friozinho na barriga. É o momento de se abrir para o novo, aprender, desenvolver habilidades e enxergar possibilidades que antes pareciam distantes. É um misto de empolgação, medo e determinação para persistir e construir algo significativo. No começo, tudo é novidade, e cada experiência tem um sabor especial. A residência educacional trouxe para os estudantes um mundo novo. Um brilho único, acompanhar o professor residente e ter os primeiros contatos com este espaço de aprendizagem. O relato aqui apresentado é de uma estudante que estava justamente vivenciando isto pela primeira vez, no segundo semestre de graduação. As aulas acompanhadas eram de geografia, e o encantamento ao acompanhar e vivenciar a residência educacional foi muito potencial.

Ao longo desse percurso, a interação direta com os alunos e a vivência prática em sala de aula tornou-se essencial. Essas experiências cotidianas permitem relacionar a teoria aprendida na faculdade com a realidade do ensino, proporcionando uma compreensão mais profunda do papel do educador. Cada aula assistida e cada momento de

observação contribuem para moldar a visão e a prática docente, reforçando a importância de uma formação sólida e conectada com a prática.

A experiência como residente educacional se transforma completamente quando se consegue identificar e relacionar os embasamentos teóricos por trás dos textos e das atividades passadas em sala de aula. É nesse momento que a formação educacional e a vocação docente se consolidam; as ideias de atividades, os planos de aula e todos os textos lidos na faculdade se entrelaçam com as práticas observadas em sala, formando uma grande árvore de conhecimento e conexões. Neste sentido destaca-se o que Bernardete Gatti nos ensina:

“ A preocupação com a educação escolar, com a escola, nos reporta a pensar em pessoas, em relações pedagógicas intencionais, portanto, em profissionais bem formados para isso, dentro das novas configurações sociais e suas demandas; profissionais detentores de ideias e práticas educativas fecundas, ou seja, preparados para a ação docente com consciência, conhecimentos

Durante o primeiro ano, nosso papel é principalmente de observador: treinar a audição, a visão, compreender a dinâmica do ambiente escolar,

Estar em sala de aula como professora em formação é uma experiência estranha no início, pois não somos nem alunos, nem professores, mas sim observadores. Contudo, isso não nos impede de assumirmos um papel de evidência.

A experiência como protagonista se deu de maneira simples, durante uma aula sobre a Revolução Industrial e os avanços tecnológicos. A residente contribuiu com seus conhecimentos sobre maquinaria têxtil, o que gerou interesse em alguns alunos, que interagiram com ela após a aula e dividiram suas experiências familiares relacionadas ao tema. Se estabeleceu, portanto, um vínculo com esses alunos, que começaram a se sentir mais confortáveis com a presença dos residentes na sala de aula, tornando-se cada vez mais próximos.

As atividades evoluíram para incluir a correção de tarefas, tabulação de provas e fornecimento de explicações pontuais quando os alunos tinham dúvidas sobre o material didático. Além disso, houve um papel de destaque nas aulas do eixo integrador, uma matéria interdisciplinar que envolve a professora de geografia e a professora de artes. Os alunos do 6º e 7º anos organizaram uma apresentação integrando ambas as disciplinas e foram divididos em diferentes grupos. Houve um acompanhamento do grupo de música do grupo da história, supervisionando ensaios e auxiliando na organização do roteiro que seria seguido.

A experiência foi incrivelmente enriquecedora. Participar de todo o processo de pesquisa e criação dos alunos realmente inseriu os professores iniciantes em sua formação de forma direta na sala de aula, permitindo um papel de apoio essencial. Seguindo as indicações e feedback da professora responsável, foi possível assistir ao projeto tomar forma de maneira gradual. Foi impressionante ver na prática como a metodologia de atividades em grupo funciona e como a autonomia dos alunos é fundamental no processo de formação educacional deles. Neste sentido mais uma vez Bernardete Gatti (2013) ajuda a compreender os processos de práticas educativas que se dão em formações diversas e no exercício docente. Ao fazer-se professor se desenvolve a “capacidade de criar relacionamentos didáticos frutíferos: ter repertório para escolhas pedagógico-didáticas, saber lidar com as motivações e as formas de expressão das crianças e jovens” (Gatti, 2013, p.54).

Com base nessa observação, se percebe que a interação entre professores e alunos é essencial para as atividades educativas. O envolvimento ativo dos alunos em projetos interdisciplinares não só fortalece seu conhecimento acadêmico, mas também melhora suas habilidades sociais e colaborativas. Cada etapa do processo educacional, seja na correção de tarefas ou na organização de apresentações, oferece uma chance de fortalecer os laços e criar um ambiente colaborativo de aprendizado

Estabelecer um vínculo respeitoso com os alunos é fundamental para criar um ambiente de aprendizado seguro e acolhedor, onde eles se sentem valorizados e ouvidos. Como professora em formação, essa experiência é de extrema importância, pois ajuda a construir habilidades de comunicação e

manejo de sala. Quando alunos e alunas percebem que são respeitados e valorizados, se engajam mais e participam de forma ativa das aulas. Isso contribui para uma melhor observação de como a sala participa de diferentes atividades, enriquecendo ainda mais o processo educativo.

## ■ CONCLUSÃO

A Faculdade SESI de Educação é uma instituição inovadora e exerce um papel central na formação para a docência no Brasil. O projeto elaborado pela instituição é resposta ao desafio que as políticas públicas historicamente buscaram responder: como formar um professor de qualidade tanto naquilo que se refere à teoria quanto, e principalmente, ao domínio da prática docente? As legislações que abriram os debates em torno deste tema percorreram um longo caminho.

Ao propiciar uma formação integral e imersiva dá espaço para que estudantes se reconheçam no processo, aperfeiçoem suas práticas e sejam plenamente capazes de assumir uma sala de aula com competência elevada ao final do percurso formativo. O que é realizado nos bancos da faculdade e na prática formativa vai além desta função. Ela permite também o desenvolvimento da sensibilidade, de olhar para a trajetória, do constituir-se.

É por este olhar que aqui se aproxima também a escrevivência, conceito forjado

pela escritora e professora Conceição Evaristo e que se refere à prática de escrever a partir das próprias vivências. De acordo com a autora "a escrevivência não permite que eu me afaste tanto da experiência vivida a ponto de ficar apenas no campo das ideias abstratas. Ela tensiona a escrita e a vida" (Evaristo, 2016, p. 16).

Portanto, a partir da escrevivência se transformam experiências pessoais e coletivas em narrativas que resistem, afirmam identidades e ressignificam saberes. No contexto da formação docente, essa perspectiva se torna uma ferramenta poderosa, pois convida educadores e educadoras a refletirem sobre suas trajetórias, desafios e aprendizados, construindo uma prática pedagógica mais crítica e autêntica. A escrevivência desafia a lógica hegemônica através da qual os saberes subjetivos são desconsiderados. Olhar-se enquanto professor em formação é assegurar que o conhecimento também se constrói a partir das narrativas pessoais.

A(o) professora(o), com anos de trabalho ou em formação, que olha atentamente para seu processo com esta profundidade consegue adquirir autoconhecimento e identidade docente. Ao escrever sobre suas memórias, angústias e conquistas, o futuro professor reconhece-se como sujeito histórico, compreendendo como suas vivências influenciam sua prática em sala de aula (Nóvoa, 1992).

É com esta perspectiva que a experiência descrita anteriormente demonstra o mergulho em um processo formativo a partir da porta de entrada dada pela Residência Educacional. É com este olhar que o relato apresentado nos leva a perceber o movimento de transformação do sujeito propiciado por experiências imersivas para a profissão docente no

modelo elaborado pela Faculdade SESI de Educação.

Suas anotações, as discussões trazidas e compartilhadas com os colegas e a professora orientadora da residência educacional, reforçam este cenário. Assim como afirma Souza (2006, p.89) “contar a própria história é o primeiro passo para entender como se tornou professor e que tipo de professor deseja ser.” O relato de experiência representa uma pequena parte do caminho frutífero e desafiador ao qual os estudantes da Faculdade SESI são convidados a conhecer. Não como espectadores, mas como protagonistas de seu próprio projeto docente. Alicerçados pela escrita de si tornam-se atentos ao mundo, ao pertencimento e se reconhecem no processo formativo.

## ■ REFERÊNCIAS

BATISTA, O Diário de Bordo: uma forma de refletir sobre a prática pedagógica. **Revista Insignare Scientia**. vol. 2 n. 3. 2019, p. 287-293.

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 04, de 12 de abril de 2024. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissional do Magistério da Educação Escolar Básica (cursos de licenciatura,

de formação pedagógica para graduados não licenciados e de segunda licenciatura). **Conselho Nacional da Educação**. Brasília. 2024. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/junho-2024/258171-rcp004-24/file> Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL. Resolução Nº 2, 1.o de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**. Brasília. 2015. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file> Acesso em: 21 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 11 de fev. 2026.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. **Diário Oficial da União**: seção 1, n. 42, Brasília, DF, p. 9, 4 mar. 2002.

Disponível:  
<https://gedh-uerj.pro.br/legislacao/resolucao-cne-cp-no-2-de-19-de-fevereiro-de-2002/>. Acesso em: 12 abr. 2026.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência: A escrita de nós. Revista Palmares, 2016.

FACULDADE SESI DE EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico Licenciatura em Ciências Humanas**. SP. 2026.

GATTI. Bernardete. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**. Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Editora UFPR.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. SP: Atlas, 2003.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. Lisboa: Porto Editora, 1992.

SOUZA, Elizeu C. **Autobiografias, histórias de vida e formação docente**. EDUFBA, 2006.